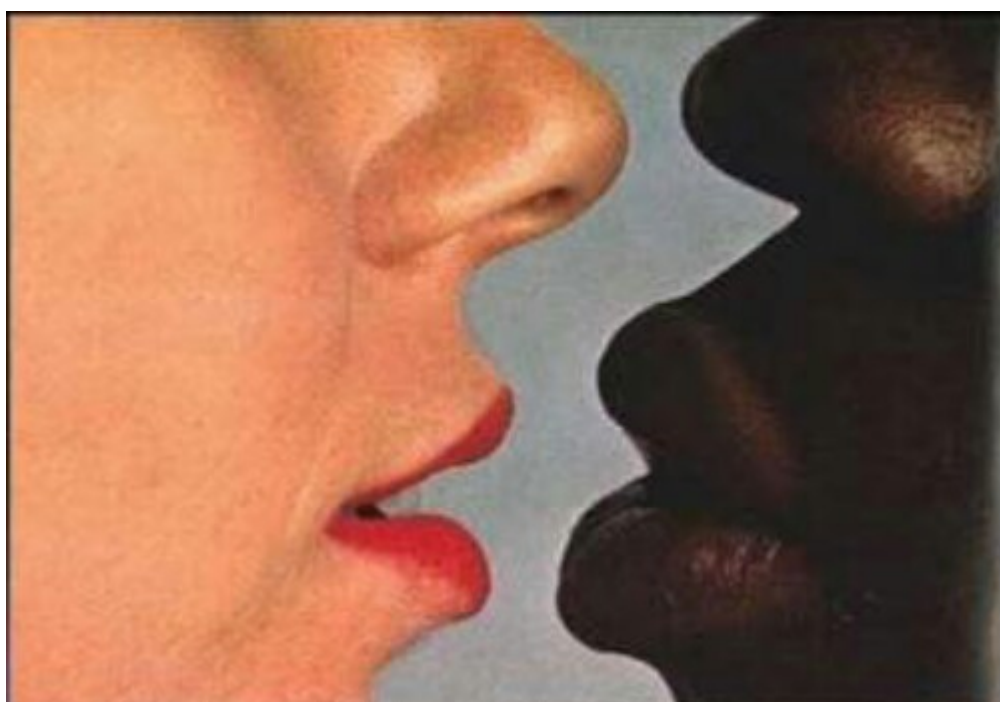


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

LORENA DE NAZARÉ SILVA DE SOUSA



**A LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO PRECONCEITO RACIAL NO
ROMANCE O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO**

ABAETETUBA/PA

MARÇO/2017

LORENA DE NAZARÉ SILVA DE SOUSA

**A LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO PRECONCEITO RACIAL NO
ROMANCE O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL) do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará (UFPA), para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras: Habilitação Língua Portuguesa.

Orientador: José Rinaldo Vasconcelos Lobato

ABAETETUBA/PA

MARÇO/2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S725l Sousa, Lorena de Nazaré Silva de.
 A literatura brasileira: : uma análise do preconceito racial no
 romance o mulato de Aluísio Azevedo / Lorena de Nazaré Silva de
 Sousa. — 2017.
 42 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

 1. Literatura brasileira. 2. Realismo-Naturalismo. 3.
 Preconceito. 4. O Mulato. I. Título.

CDD 869.9

LORENA DE NAZARÉ SILVA DE SOUSA

A LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO PRECONCEITO RACIAL NO
ROMANCE O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL) do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará (UFPA), para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras: Habilitação Língua Portuguesa.

Aprovado em ____ de _____ de _____

Nota final: _____

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR – Prof. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato – UFPA

Prof. Garibaldi Nicola Parente – UFPA

Prof. Dr. Maria Adelina Rodrigues Farias

Dedico este trabalho com todo meu amor, carinho e gratidão para as pessoas mais especiais da minha vida, meu pai João Batista de Sousa e minha mãe Leila Maria Silva de Sousa (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me permitido viver esse momento tão lindo e especial, ele que me concedeu forças e coragem para que eu alcançar essa vitória. Também quero agradecer a todos os professores desta instituição, em especial ao meu orientador Rinaldo Lobato, por sua gentileza, disponibilidade e dedicação durante a produção desse trabalho, por repassar tanta segurança e tranquilidade.

Sou extremamente grata ao meu pai João Batista, por todo apoio e incentivo. Você que nunca mediu esforços para tornar os meus sonhos realidades, por toda confiança depositada em mim e por acreditar que esse dia chegaria. Quero agradecer a minha tia Débora Melo e ao meu irmão Bruno Ramond, que sempre me incentivaram e acreditaram no meu potencial. Enfim, sou grata a todos meus familiares que me ajudaram de alguma forma durante essa caminhada.

Sou muito grata ao meu namorado e futuro esposo Lenilson Almeida, que compartilhou comigo esses anos de estudos, sempre foi muito paciente em minhas ausências e me ajudou a superar as dificuldades com fé e determinação. Quero agradecer também ao seu Gil e a todos meus amigos da van. Aos meus queridos amigos de infância, Guilherme Viana, Regiane Gonçalves e Dhiego Araújo, por sempre me apoiarem e estarem dispostos a me ajudar.

E por fim agradeço aos meus colegas da turma de letras 2013, em especial aos meus queridos e maravilhosos amigos que fiz nessa turma, Janiele, Amanda, Debora, Rayanne, Francilene, Alessandra, Artur e Letícia. Muito obrigada por todo companheirismo, risadas, alegrias, tristezas, discussões e claro muito amor que dedicamos uns aos outros, levarei cada um de vocês no meu coração.

“A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem.”

Louis Bonald

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o preconceito racial presente no romance *O Mulato* de Aluísio Azevedo publicado em 1881, evidenciando o protagonista Raimundo, que é o alvo principal do preconceito por conta das suas origens negras. Essa obra apresenta a realidade social do século XIX, momento em que a sociedade passava por grandes avanços e transformações. Será feita uma abordagem sobre o naturalismo, destacando as principais teorias que surgiram nessa época, apresentando a relação entre naturalismo e ciência, e como se caracteriza um romance naturalista, tomando como base o romance experimental, que teve como responsável Zola, que baseasse nos modelos cientificistas de observação. Em seguida será discutida a relação literatura e sociedade, enfatizando sua importância social e sua capacidade de desenvolver o ser humano, como nos apresenta Antônio Cândido, enfocando também a presença do negro na sociedade e sua representação na literatura. Por fim, apresentaremos no romance *O Mulato* como o preconceito racial se manifesta na escrita do romance, dando ênfase nos personagens, suas falas e atitudes racistas.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Realismo-Naturalismo; Preconceito; *O Mulato*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – O NATURALISMO.....	12
1.1 TEORIAS: O MEIO AMBIENTE E A FORMAÇÃO DO SER HUMANO – “O HOMEM É PRODUTO DO MEIO EM QUE VIVE”.....	16
1.2 NATURALISMO E CIÊNCIA.....	18
1.3 O ROMANCE NATURALISTA.....	20
CAPÍTULO 2 – LITERATURA E SOCIEDADE.....	22
2.1 A SOCIEDADE DO SÉCULO XIX.....	2
2.2 O NEGRO NA SOCIEDADE.....	22
2.3 O NEGRO NA LITERATURA.....	23
CAPÍTULO 3 – O ROMANCE O MULATO: RESUMO DA OBRA.....	25
3.1 O QUE É O PRECONCEITO DERIVADO DO RACISMO?.....	26
3.2 O PRECONCEITO RACIAL NO ROMANCE.....	28
3.3 PERSONAGENS: ATITUDES E PRÁTICAS RACISTAS.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

O realismo surgiu na França, assumindo uma postura antirromântica, no qual visava romper com os padrões romanescos. A razão, a pesquisa e a ciência vêm ocupar o lugar do sentimentalismo presente no romantismo, o realismo passa a relatar de fato o que estava acontecendo na sociedade, procurando retratar o homem e a sociedade a partir da observação do ambiente, dos costumes, das atitudes, dos comportamentos, buscando as causas dos fenômenos que abordam. “É impossível uma definição completa do Realismo, que é antes um temperamento, uma tendência, um estado de espírito, de que um tipo ou gênero literário acabado” (COUTINHO, 2004, p. 9).

No realismo há uma tendência por temas que abordam o adultério, encarado como causa da destruição familiar e da sociedade. As idealizações românticas passam a não ter mais vez, agora à realidade da sociedade é mostrada de forma clara, objetiva e direta. O romance *Madame Bovary*, do escritor Gustavo Flaubert foi a primeira obra realista publicada no ano de 1857, seu enredo gira em torno da história de amor de Ema Bovary, jovem, casada, e que acredita numa história de amor perfeita, no entanto a realidade não se configura dessa forma, a moça comete o adultério, com um homem rico que acreditava ser o amor de sua vida. Ao contrário dos românticos que viam no amor a única solução para as coisas, os escritores realistas apresentam o amor como ato predominantemente fisiológico.

O Movimento realista está ligado as grandes transformações que aconteceram na Europa durante a segunda metade do século XIX. Agora o capitalismo passa a ser uma dualidade, de um lado temos grande progresso industrial e formação de grandes empresas; do outro, uma numerosa classe operária fazendo reivindicações sociais. Com todas essas transformações que estavam ocorrendo, surge a partir daí novas posições ideológicas.

No Brasil, nas últimas décadas do século XIX, foi o período que se estabelece a crise da monarquia, a partir de então começamos a presenciar o avanço dos ideais abolicionistas e republicanos, a quebra da unidade política do império e a urbanização cada vez mais acentuada a partir de 1870. Em meio a todo esse cenário surge o Realismo Brasileiro, extremamente influenciado pelo positivismo de Augusto Comte, pelo evolucionismo de Charles Darwin, pelo socialismo de Marx e

Engels, pela teoria determinista de Hipólito Taine e pelo surgimento das correntes da psicologia moderna.

O Realismo divide-se em duas vertentes, são elas: O Naturalismo e o Parnasianismo, esse trabalho terá como foco o romance “O mulato” do autor Aluísio Azevedo, publicado em 1881, marcando o início do naturalismo no Brasil. Esse romance manifesta a realidade da cidade maranhão e do Brasil no século XIX, evidenciando o período da escravidão e o preconceito existente naquela época.

O romancista Aluísio Azevedo utilizou-se do estilo naturalista para mostrar a realidade social brasileira enfatizando o conflito dos portugueses. Azevedo veio através desse romance, retratar a sociedade maranhense e o preconceito por parte da burguesia, os maus tratos sofridos pelos mulatos, negros.

O romance “O mulato”, narra a história de amor de Raimundo, filho de um português e da escrava Domingas, e tendo estudado desde a infância na Europa decide voltar para a cidade de São Luís para vender as heranças deixadas pelo do falecido pai. Nesse período ele apaixona-se pela prima Ana Rosa, sendo impedido de casar-se com ela, pois possuía traços mestiços e ela era uma moça branca.

O romance apresenta como uma de suas características o descritivismo, essa é uma das características do Realismo/Naturalismo, essa característica vem para descrever os mínimos detalhes a respeito dos personagens e os fatos que acontecem durante toda a trama, com a intenção de retratar fielmente a realidade, sendo essa uma das preocupações dos romances realistas, relatar exatamente o que estava ocorrendo.

Esse trabalho será composto por três capítulos, onde pretende-se fazer uma abordagem do preconceito racial presente no romance o mulato, mostrando quais os motivos que levaram o protagonista Raimundo a ser vítima desse preconceito, destacando quais os personagens do romance possuem falas e atitudes racistas. Para que possamos compreender as questões raciais presentes no romance, o primeiro capítulo terá como o título O naturalismo, onde será feita uma abordagem histórica sobre esse período, destacando as principais teorias que influenciaram o surgimento do naturalismo e por fim apresentar como se configura o romance naturalista.

O segundo capítulo será intitulado, literatura e sociedade, visando apresentar a importância social da literatura, fazendo uma abordagem da sociedade do século XIX, como o negro está inserido nela e como ele é abordado dentro das obras literárias.

O terceiro e último capítulo será feito um resumo do romance, em seguida para melhor compreensão do romance, serão apresentados os conceitos de raça, racismo e preconceito e para finalizar será mostrado como o preconceito racial é abordado no romance e quais os personagens possuem atitudes e práticas racistas.

CAPÍTULO 1 – O NATURALISMO

O Realismo, Naturalismo e Parnasianismo fazem parte de uma mesma família de espírito, que vem opor-se ao romantismo, porém não se importando em receber alguns traços da escola anterior, o Romantismo. Diante disso é perceptível que o Realismo e o Naturalismo caminham juntos, embora possuam características em comum, eles diferenciam em alguns aspectos, quando o Naturalismo passa a indagar a questão do biológico, da hereditariedade física e psicológica, dos comportamentos no meio social, da influência da natureza na vida do homem. Portanto, Coutinho explica que:

Quanto ao Naturalismo, é um Realismo a que se acrescentam certos elementos que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem com os realistas. É o realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade. (COUTINHO, 1997, p. 11)

Nota-se que o Realismo e o Naturalismo não são períodos tão distintos, eles se entrelaçam, compartilhando do mesmo espírito de precisão, de objetividade na descrição. Sendo assim, o Realismo/Naturalismo é um:

[...] movimento que se inicia na segunda metade do século XIX com a retomada do racionalismo e se estende até o início do século XX. Sua principal característica é a tentativa de traduzir a realidade [...] é o reflexo da desilusão do homem frente a sociedade: miséria das cidades, crises da produção no campo e péssimas condições de vida. É nesse ambiente que os artistas passavam a observar e a externar a verdade possível da realidade, colocando-se contra o tradicionalismo romântico e procurando incorporar os descobrimentos científicos de seu tempo. (MARTINS; LEDO, 2001, p. 66)

Desse modo, podemos afirmar que o Naturalismo foi que um movimento artístico-cultural que atingiu as artes plásticas, o teatro, a literatura e o cinema em meados do século XIX, tendo forte interesse por temas que abordam a realidade, suas explicações se dão a partir das leis científicas e não concepções teológicas da natureza. O termo Naturalismo, conforme Afrânio Coutinho (1969, p. 8), entrou na crítica literária por volta de 1850 na França, mas somente nos arredores de 1880 é que assumiu posição definitiva com o escritor Émile Zola.

Esse escritor foi fortemente influenciado pelo evolucionismo e pelo socialismo. Teve como sua principal obra, *O Germinal* (1885), abordando a realidade social existente nas minas de carvão. Para escrever essa obra, Zola, viveu com uma família de mineiros, sentindo na pele a dura realidade desses trabalhadores. Segundo Zola:

A família vivia a agonia final. A casa estava completamente vazia. Depois dos colchões, venderam os lençóis, a roupa-branca, tudo o que podia ser vendido, até um lenço do avô fora trocado por dois centavos. As lágrimas corriam a cada objeto que partia. A mulher teve que se desfazer também da caixa de cartolina cor-de-rosa, o presente tão querido que seu homem havia lhe dado. Eles estavam nus, não tinham mais nada para vender, a não ser a própria pele, que ninguém iria querer comprar, de tão contaminada. Esperavam a morte [...]. (ZOLA, 2004, p. 152)

Nesse sentido, podemos dizer que no Brasil o naturalismo surgiu no final do século XIX, quando os escritores brasileiros passaram a ser influenciados pelos escritores europeus. A partir daí esses escritores passaram a enxergar a literatura como um instrumento de denúncia, as obras agora estão totalmente voltadas para a questão social, buscando retratar com toda clareza o que de fato acontecia na sociedade. Segundo Josué Montello (1969, p. 68), três problemas interessou aos romancistas mais de perto: a luta contra a igreja, a reação ao preconceito de cor e a questão sexual. O ambiente dos romances 'naturalistas geralmente são locais miseráveis, descritos com precisão; os casamentos felizes agora são trocados pelo adultério; agora a função da literatura não é apenas mera diversão das classes privilegiadas, mas também como forte crítica social.

Em 1881, o autor Aluísio Azevedo marca o início do naturalismo, após publicar o seu segundo romance, intitulado “O mulato”. Considerado o pioneiro da literatura naturalista no Brasil. Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís em 14 de abril 1857 e faleceu em Buenos Aires, no dia 21 de janeiro de 1913.

Começou sua carreira dedicando-se à pintura, mas, ao mudar-se do Maranhão para o Rio de Janeiro, transforma-se em chargista de vários jornais. Abandona os desenhos em 1878, quando se vê obrigado a retornar a São Luís, devido à morte do pai (vice-cônsul de Portugal). Lançou seu primeiro romance, *Uma lágrima de mulher*, em 1879. Depois de receber críticas favoráveis ao segundo livro, *O mulato* (1881), retorna ao Rio de Janeiro, onde escreverá folhetins (para jornais), contos e peças de teatro.

Apesar da fama alcançada com seu melhor romance, *O cortiço* (1890), encerra a carreira de escritor e ingressa na diplomacia, servindo em vários países, inclusive o Japão. Azevedo preocupou-se com a realidade cotidiana, seus temas preferidos foram: a luta contra o preconceito de cor, o adultério, os vícios e o povo humilde, o autor teve como principais obras: *O mulato*, *Casa de pensão* e *O cortiço*.

Esse trabalho terá como objeto de estudo o romance “O mulato”, visando fazer uma investigação sobre a forma que o preconceito racial se manifesta na obra, mostrando os motivos que levaram o personagem Raimundo a ser vítima desse preconceito e por fim apontar quais os personagens do romance possuem falas e atitudes racistas.

O Mulato é um romance que manifesta a realidade da cidade do maranhão e do Brasil no final do século XIX, evidenciando o período da abolição da escravatura e o preconceito existente naquela época. Esse romance narra a história de amor proibido do protagonista Raimundo e sua prima Ana Rosa. Raimundo, filho do português Jose Pedro da Silva e da negra e escrava Domingas é impedido de casar-se com a prima Ana Rosa, pois era um mestiço, “mulato”.

O amor de Raimundo e Ana Rosa era recíproco, porém havia três obstáculos que impediam que eles ficassem juntos, o primeiro é era Manuel Pescada, pai de Ana Rosa, queria sua filha casada com um dos caixeiros de sua loja, o segundo era

o cônego Diego, adversário natural de Raimundo e a última era dona Maria Bárbara, avó de Ana Rosa, uma velha extremamente hipócrita e racista, que dizia preferir ver sua neta morta a “sujar” o sangue da família.

Nota-se que o mulato foi um romance que causou grande escândalo na sociedade maranhense, ele faz um forte crítica à realidade vivida no maranhão e no Brasil no final do século XIX, trazendo a tona o preconceito e as mazelas sociais enfrentados pela população. Podendo ser confirmado no que Mérian diz:

Através do olhar de Raimundo, é o espírito crítico de Aluísio que transparece. O tédio que reina na burguesia ignorante e medíocre, os preconceitos contra os mulatos, os maus tratos que sofrem os escravos são expostos longamente e os retratos dos personagens são verdadeiras caricaturas. (MÉRIAN, 1988, p. 230)

Nessa afirmação de Mérian, fica nítido a abordagem crítica de Aluísio, retratando a sociedade maranhense e o preconceito por parte da burguesia, os maus tratos sofridos pelos mulatos, negros e escravos.

Um dos autores que se destacou no Naturalismo brasileiro, foi Eça de Queiroz, autor do Realismo português, no qual suas obras “O crime do padre amaro” (1875) e o “O primo Basílio” (1878), que serviram de grande influência para os artistas brasileiros. Essa influência pode ser comprovada no que diz Coutinho:

Era a realização da estética realista-naturalista na ficção, e através deles e da ligação constante que manteve com o mundo literário, a figura fascinante de Eça situou-se como um dos nomes tutelares da vida intelectual brasileira. Sua influência na literatura se fez sentir em toda parte nas obras surgidas então, e muito tempo depois ainda se pôde verificar, na temática, na maneira, no estilo, na ironia. (COUTINHO, 2004, p.16)

Eça de Queiroz escreveu seus primeiros textos com características românticas. E após isso passou a escrever obras realistas, sendo considerado um dos responsáveis pelo surgimento do realismo em Portugal, tendo como suas principais obras: “O crime do padre amaro” “O primo Basílio”, “Os maias” e “As cidades e as serras”. O autor apresenta uma visão mais crítica da sociedade, diferentemente do romantismo que antecedeu ao movimento. Eça fugiu do estilo clássico de escrever as obras, apostando na maior liberdade na elaboração do texto.

Além de Aluísio Azevedo e de Eça de Queiroz, temos outros escritores que também fazem parte do naturalismo, entre eles: Adolfo Caminha- escritor cearense, considerado um dos principais autores da literatura naturalista brasileira, sua principal obra é Bom Crioulo. Inglês de Souza- Paraense, foi escritor, professor e jornalista, teve como principais obras: Contos amazônicos e O Missionário. Raul Pompéia- Um grande escritor carioca, sua principal obra O Ateneu. Adherbal de Carvalho foi um grande romancista, crítico literário e professor brasileiro, tendo como sua principal obra A noiva.

1.1 TEORIAS: O MEIO AMBIENTE E A FORMAÇÃO DO SER HUMANO – “O HOMEM É PRODUTO DO MEIO EM QUE VIVE”

O Brasil em meados do século XIX passava por intensas transformações, na economia, na política e na cultura, tendo em vista que estávamos no período do surgimento das novas tecnologias, mais precisamente o início da revolução industrial, momento em que ocorre a ascensão da burguesia e o crescimento do proletariado, com isso a sociedade urbana passou por um aumento considerável, surgindo classes sociais como a dos operários, que eram explorados e manifestavam sua insatisfação gerando as primeiras greves.

Agora os fatos passam a ser explicados através da ciência, a burguesia passava usufruir dos avanços científicos da época; o materialismo e o racionalismo foram substituídos pelo idealismo e o tradicionalismo; o método científico passou a ser o meio de análise e compreensão da realidade. Com esse cenário de avanços e

exploração social, o homem passou a ser analisado intensamente a partir de novas teorias científicas que surgiam nesse momento.

Temos como algumas teorias que deram fundamentos ideológicos a literatura realista/naturalista, o Determinismo de Hippolyte Taine o homem passou a ser visto como sobre a influência do meio, do momento e da raça. O Evolucionismo de Charles Darwin, essa teoria parte da análise dos fatores que determinam o homem e a natureza e o positivismo de Augusto Comte, onde a realidade passa a ser explicada através do conhecimento científico. A introdução dessas teorias influenciou diretamente na vida do homem, em especial a teoria determinista, que afirma que o homem é produto do meio em que está inserido.

Hippolyte Taine (1828-1893), publicou a obra “*Introduccion a la Historia de la Literatura inglesa*”, formulou a teoria do determinismo , onde acreditava que o comportamento do homem é determinado por três fatores: raça, meio e momento histórico, de forma intensa, Taine passou a utilizá-las para explicar o comportamento do homem dentro da sociedade. Aranha (2003) é uma autora que apresenta muito bem cada um dos fatores deterministas defendidos por Hippolyte Taine, segundo ela:

A raça, a grande força biológica dos caracteres hereditários determinantes do comportamento do indivíduo; O meio, que submete o indivíduo aos fatores geográficos (como o clima, por exemplo), bem como ao ambiente sociocultural e as ocupações cotidianas da vida; O momento, pela qual o indivíduo é fruto da época em que vive e se subordina a determinada maneira de pensar característica do seu tempo. (ARANHA, 2003, p. 317)

Para a teoria determinista, dizer que o homem possui livre arbítrio era uma mera ilusão, o homem nada mais é do que o resultado de fatores que ele não pode escapar, pois o ele é fruto do meio em que está inserido, ou seja, os acontecimentos no mundo tinham uma causa, e o indivíduo por está imerso nesse mundo não tinha liberdade de escolha, sendo assim confirmando a teoria de Taine, que diz o que o homem é resultado da raça, do meio e do momento.

A literatura naturalista foi fortemente influenciada pela teoria determinista de Taine, visava apresentar o retrato fiel da sociedade, rompendo com a idealização da escola romântica. Agora os temas que antes eram considerados inadequados, passaram a ser abordados nas obras literárias, a hipocrisia humana, o adultério, sexualismo, homossexualismo. As obras naturalistas oferecem inúmeros exemplos de comportamento humano como decorrentes de fatores determinantes, sem possibilidade alguma de transcendência.

1.2 NATURALISMO E CIÊNCIA

Os autores naturalistas possuem como características de suas obras, abordagem de temas polêmicos, como crimes, adultério, incesto, homossexualidade, pobreza e etc. Há também a presença do cientificismo exagerado- o narrador assume posição de um “cientista”, que observa as relações e fenômenos sociais como se observasse uma experiência científica.

A realidade é abordada a partir do pensamento científico, sob as influências do positivismo, existe também uma forte influência da teoria do evolucionismo de Charles Darwin, agora o ser humano está fadado as suas características biológicas e ao meio social em que vive. Na literatura, os naturalistas utilizam linguagem coloquial, simples e objetiva.

Émile Zola, não foi o único autor que influenciou o naturalismo, porém foi um dos mais importantes. Naturalismo foi uma palavra que gerou uma nova literatura. Essa nova literatura é considerada uma “literatura científica”, influenciada pelo movimento de doutrinas científicas e materialistas que se difundiu durante o século XIX, agora as teorias científicas passaram a ser de extrema importância para explicação dos fatos, esse período foi de intensas transformações, sociais, econômicas e políticas. Sendo assim, Rodrigues afirma que:

Coexistindo com as outras concepções filosóficas, políticas, econômicas e artísticas do século XIX, o ideário cientista também passou a ser uma possibilidade para lidar e explicar as mudanças naturais e sociais; todas as questões poderiam ser respondidas de modo científico. Pode-se dizer que as concepções de organismo social e dever histórico, além da vontade de se produzir conhecimento objetivo, se encontraram nas principais obras da segunda metade do século XIX. Se Darwin apresentou as evidências científicas da evolução, indo além das enunciações e especulações que já existiam sobre o tema, percebe-se, por exemplo, que Comte buscou sintetizar uma ciência da religião; Marx concebeu o socialismo como científico; Stuart Mill concebia a ciência da natureza humana. Émile Zola, o grande nome do naturalismo literário, imaginou uma literatura unida à ciência, inspirando-se nas formulações do fisiologista Claude Bernard que, por sua vez, entendia que a medicina deveria deixar de ser uma “arte de curar” e estabelecer um corpus científico, a medicina experimental. (ZOLA apud RODRIGUES 2009, p. 33)

Com isso, fica evidente que a ciência agora passa a dar uma explicação lógica e científica para o acontecimento dos fatos, a partir de experimentos que buscam comprovar esses fatos ocorridos. Segundo Afrânio Coutinho (1969, p. 3), A ciência e o espírito de observação forneciam os padrões do pensamento do século XIX. Com isso destacamos algumas teorias científicas que tiveram fortes influências no naturalismo, são elas: o positivismo, Darwinismo, Determinismo e o Marxismo. Essas teorias foram de suma importância para o entendimento do movimento realista/naturalista, pois estávamos numa época que:

Os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de ideias liberais, abolicionistas e republicanas. De 1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo. (BOSI, 1999, p. 163)

O positivismo foi criado por Augusto Comte, essa teoria afirmava que a realidade dos fatos só pode ser explicada através do conhecimento científico. Agora a religião e a metafísica passam a ser substituídas pelo método de experimentação racional e científica.

A teoria Darwinista surge a partir da publicação do livro *A origem das espécies*, onde Charles Darwin enfatiza sua teoria evolucionista, em que os mais fortes, ou seja, mais aptos sobrevivem, dando continuidade a sua espécie, isso ele chamou de seleção natural. Podendo ser comprovado no que Machado de Assis diz:

– Não há morte. O encontro de ditas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o carácter conservador e benéfico da guerra. (ASSIS, 1978, p. 21)

O determinismo foi criado pelo francês Hippolyte Taine, essa teoria consiste em determinar o homem a partir de sua raça, meio e momento em que ele está inserido. E para finalizar temos o marxismo é marcado pela publicação do livro *O capital* de Karl Marx, nele é visto que a evolução histórica ocorreu através das lutas de classes.

1.3 O ROMANCE NATURALISTA

O romance naturalista surge tomando como base essas teorias científicas. Zola foi o responsável em criar o "romance experimental", que tinha como objetivo criar uma obra de ficção que se baseasse nos modelos cientificistas da observação fisiológicas das patologias sociais. Zola diz que: "A ciência experimental não deve se preocupar com o porquê das coisas; ela explica o como e nada mais" (ZOLA, 1979, p. 27).

Desse modo, é perceptível que os autores naturalistas Os romances naturalistas procuravam, através da representação literária, demonstrar teses extraídas de teorias científicas, buscando fielmente a realidade, incluindo aspectos repugnantes e grotescos. Zola afirma que:

Com o romance naturalista, o romance de observação e de análise, as condições mudam imediatamente. O romancista inventa ainda mais; inventa um plano, um drama; apenas, é uma ponta de drama, a primeira história surgida, e que a vida cotidiana sempre fornece. Em seguida, na estruturação da obra, isso tem bem pouca importância. Os fatos só estão lá como desenvolvimentos lógicos das personagens. O grande negócio é colocar em pé criaturas vivas, representando diante dos leitores a comédia humana com a maior naturalidade possível. Todos os esforços do escritor tendem a ocultar o imaginário sob o real. (ZOLA, 1995, p. 24)

Os autores naturalistas baseavam-se no romance experimental de Zola, que tinha como um de seus objetivos, propor que o escritor pare de sonhar de olhos abertos e volte seu olhar para o mundo que o cerca, que ele descreva o real com objetividade de um cientista e apropriando-se das conquistas das ciências modernas.

As obras naturalistas são também chamadas de romances de tese: apresentam um ponto de vista e tentam demonstrá-lo através dos fatos narrados. Em geral, focalizam o lado patológico dos indivíduos ou da sociedade, ou seja, as piores situações sociais, como: traição, atentado ao pudor, exploração sexual etc. Em seguida, procuram os motivos de tais problemas, encontrando-os na etnia, nos costumes, no ambiente social, no temperamento, na falta de valores morais e na libertinagem.

Esses romances possuem como características: uma linguagem simples, uma narrativa lenta, com clareza, equilíbrio e harmonia; expondo detalhes do cenário, contexto e personagens, uso de vocabulário regional. Faz uso da impessoalidade, do determinismo, abordando patologias sociais, analisando a realidade, a partir do engajamento das causas sociais, desconstruindo a moral.

CAPÍTULO 2 – LITERATURA E SOCIEDADE

A literatura é compreendida como a arte das palavras, é através delas que os autores expressam seus pensamentos e sentimentos. Toda produção literária está ligada ao tempo, cultura, história, costumes e tradições de uma sociedade.

A partir da leitura de uma obra literária o autor pode provocar no leitor diversos efeitos de sentido, como: alegria, diversão, tristeza, comoção, emoção, etc. Isso acontece porque a literatura consente que façamos uma transição do mundo real para o ficcional. Sendo assim, vemos que a literatura consegue cumprir seu papel social plenamente, isto é, ela é capaz de retirar o leitor de sua zona de conforto, estimulando a pensar, criticar, indagar, questionar tudo que lhe é proposto e ensinado. Logo, a literatura ao inquietar o homem é capaz de tirá-lo da alienação que lhe é imposta pela sociedade.

Vimos que o foco deste trabalho é análise o romance o mulato que está inserido no movimento literário realista, no qual buscava expressar a realidade social através das obras literárias. Assim como qualquer arte, a literatura não tem o poder de transformar essa realidade, porém é capaz de registrar através de suas obras. Com isso Martha afirma que:

O texto literário sintetiza o real e, ao fazer isso, “oferece aos leitores uma visão do mundo em que vivem de modo que possam compreender os papéis que nele desempenham. Embora a obra literária constitua um mundo autônomo, ou seja, não é o mundo real, essa autonomia não a desliga de suas fontes da realidade e não inviabiliza a capacidade que a obra tem de atuar sobre o real que a motiva.” (MARTHA, 2011, p. 16)

Nesse sentido é perceptível que a literatura possui como uma de suas funções, a capacidade de desenvolver o senso crítico do ser humano, visto que é de grande importância para sua vida social. Esse desenvolvimento crítico leva o ser humano a ter uma maior percepção de mundo em sua pluralidade e diversidade. Cândido (1972, p. 44) considera que esta nobre arte possui papel formador, sim,

todavia de personalidade do homem, e não de convenções sociais, saberes didáticos, direitos e deveres. A literatura permite ao homem conhecer a si mesmo e a própria realidade, o que, conseqüentemente, direciona um poderoso despertar de senso crítico.

Por isso é válido ressaltar que a literatura e a sociedade possuem uma relação intrínseca, ou seja, uma está diretamente ligada à outra. Assim como a sociedade vive em constante mudança, como a literatura não é diferente, ela vai se modificando de acordo com o tempo e as mudanças sociais existentes. Podemos considerar a literatura como uma arte subjetiva, que proporciona no leitor as mais diversas interpretações, por isso nunca podemos dizer que se esgotaram todas as interpretações que podem ser dadas a determinada obra literária, sempre será possível ir além, dessa forma surgindo uma nova interpretação.

As obras literárias são escritas a partir do contexto em que a sociedade está vivendo. Para Cândido (1975, p. 29), a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Partindo disso, é possível dizer que a função de uma obra literária está ligada aos interesses e objetivos do autor, visto que os leitores também possuem diversas razões e motivações para lerem uma obra.

2.1 A SOCIEDADE DO SÉCULO XIX

A sociedade do século XIX é marcada por inúmeras mudanças, tantos nos campos políticos, sociais e econômicos. Essas mudanças são impactantes, estimuladas, principalmente, por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, as quais alteraram a ordem e as hierarquias sociais, as noções de espaço e tempo dos indivíduos e os modos de percepção do cotidiano.

De acordo com o estudioso da história da literatura brasileira, Alfredo Bosi (1970), A extinção do tráfico negreiro no Brasil ocorreu em 1850, quando houve a aceleração da decadência da economia açucareira; Agora a sociedade brasileira desloca seu eixo de prestígio para o sul e os desejos das classes médias urbanas

estão voltados para as ideias liberais, abolicionistas e republicanas. De 1870 e 1890, essas teses são utilizadas pelos intelectuais ligados ao pensamento europeu que na época voltava-se para a filosofia positivista e o evolucionismo. O período que vai de 1875 a 1922, segundo Antônio Cândido e José Aderaldo Castello (1976, p.89), foi rico e diversificado, e contou com um denominador comum: a oposição ao romantismo, que se desdobrou em algumas tendências, como o Realismo e o Naturalismo na prosa e o Parnasianismo na poesia. Os seguidores dessa nova estética, a do Realismo, rejeitavam o idealismo das narrativas românticas e sugeriam uma maior realidade na descrição dos fatos.

2.2 O NEGRO NA SOCIEDADE

Na sociedade brasileira, o povo negro sofreu grandes rejeições na história das civilizações, pois o negro chega ao país na condição de escravo e esta por sua vez é considerada uma classe inferior, sendo dominada pelos brancos, classe superior. Em 1580 começaram a chegar ao Brasil os primeiros negros, eles vieram ocupar as fazendas, servindo de mão de obra para os grandes fazendeiros, que necessitavam de muitos trabalhadores para assumir as diversas áreas de trabalho, como: na área agrícola, artesanato e até mesmo nos trabalhos domésticos. Segundo Souza, no século XIX, a maioria era levada para trabalhar nas plantações de café. “Mas também as cidades, a essa altura, maiores e com mais necessidade de trabalhadores, absorviam-nos em grande quantidade” (SOUZA, 2005, p. 45).

Dessa forma, podemos afirmar que o negro teve um papel fundamental na formação da sociedade brasileira, visto que foram eles que construíram várias igrejas, casarões, fortes e cidades inteiras num mundo feito para brancos que os viam apenas como objetos, ferramentas sem nome, sem memória, sem cultura, sem mérito algum pelo que realizaram na construção do país e da sociedade. Embora na África os negros fossem príncipes ou rei de alguma tribo, agora eles passam a ter seu nome, sua história apagada pelo Europeu que o levou ao cativeiro. Quanto à passagem acima em que fala sobre o trabalho escravo, os estudiosos Douglas Libby e Eduardo Paiva apontam em seu livro “A escravidão no Brasil” em que os negros: “Eram carregadores, estivadores, barqueiros, pescadores, músicos e vendedores.

Escravos e escravas prestavam-se a todo tipo de serviço doméstico e trabalhavam em todos os ofícios artesanais, como aprendizes ou ajudantes e mesmo como mestres” (LIBBY; PAIVA, 2000, p. 27).

Ser negro na sociedade brasileira é algo extremamente difícil e doloroso. Embora já tenha se passado muitos anos desde a abolição da escravidão, pouco se mudou em relação à situação do negro na sociedade. Os negros escravizados agora passaram a ser “livres” recebem a marca deixada pelo sistema escravista e capitalista, onde não possibilita ao negro uma ascensão social, ou seja, ficando sempre em desvantagem em relação ao branco. Com isso podemos dizer que mesmo com a abolição da escravidão, onde decretou os negros como “livre” isso não significa de fato que eles deixariam de ser considerados inferiores para os brancos.

2.3 O NEGRO NA LITERATURA

Ao falarmos de negro, não só na literatura mais na sociedade comum todo, isso logo nos remete a ideia de superioridade de uma raça em relação à outra, ou seja, os brancos sendo considerados os superiores (dominantes) e os negros (dominados), representantes da classe inferior.

Nas obras literárias geralmente o negro é considerado como um objeto, seu personagem assume um papel de menor relevância, isso resulta na estereotipação do negro, dentro de um olhar dominador do branco. A escrita dessas obras mostra o negro inferiorizado etnicamente, tornando assim a literatura uma narrativa que apresenta o negro com temas que remetem a escravidão, dessa forma escondendo a sua cultura e silenciando ele enquanto sujeito. Para Dalcastagnè:

De modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à invisibilidade desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Neste caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao

deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 21)

É importante frisar que a presença negativa do negro dentro da literatura foi muito acentuada, porém é no século XIX e início do XX que o negro alcança o ápice de sua representatividade dentro das obras, exatamente porque agora dava-se início às teorias científicas. Nesse momento, o Brasil passava por um contexto que foi chamado de “século das ciências”, onde a sociedade e tudo que a ela correspondia agora passa a ser analisado e controlado através das novas teorias que surgiram nesse momento.

Já que estamos fazendo uma abordagem do negro, não podemos deixar de mencionar o termo raça. Esse termo foi explicado cientificamente pela teoria Darwinista, baseando-se no determinismo biológico, onde afirmava que certas sociedades eram mais evoluídas que outras, porque eram beneficiadas pela natureza, havendo assim o que Darwin chamou de seleção natural, que nada mais é do que a melhor e a pior raça, onde as mais fortes sobrevivem e as mais fracas morrem. De acordo com pensadores da época, o negro é visto como um sub-humano, não sendo forte e capaz de adaptar-se ao ambiente, por isso conforme essa teoria, a tendência do negro é desaparecer.

Na literatura brasileira, o autor Aluísio Azevedo escreve o romance o mulato, onde mostra pela primeira vez o negro como personagem principal, destacando muito bem a presença do determinismo social quando escreveu o romance o mulato, ficando evidente a presença do preconceito racial, onde Raimundo é julgado um ser inferior, porque é filho de uma escrava e um português, logo não possui um “sangue limpo” e pertence a uma raça que tende a desaparecer, e isso fica bem claro no romance, pois Raimundo é morto, mostrando essa superioridade da raça branca sobre a negra.

CAPÍTULO 3 – O ROMANCE O MULATO: RESUMO DA OBRA

Raimundo saiu ainda criança de São Luís para Lisboa, viajava órfão de pai, um ex-comerciante português, e afastado da mãe, Domingas, uma ex-escrava do pai. Depois de morar anos na Europa, Raimundo volta formado para o Brasil. Passa um ano no Rio de Janeiro e decide voltar a São Luís para rever seu tutor e tio, Manuel Pescada. Bem recebido pela família do tio, Raimundo desperta logo as atenções de sua prima Ana Rosa que, em dado momento, lhe declara seu amor.

Essa paixão correspondida encontra, todavia, três obstáculos: o pai, que queria a filha casada com um dos caixeiros da loja; o da avó Maria Bárbara, mulher hipócrita e extremamente racista; do cônego Diogo, comensal da casa e adversário natural de Raimundo. Todos três conheciam as origens negroides de Raimundo. E o cônego Diogo era o mais empenhado em impedir a ligação, uma vez que fora responsável pela morte do pai do jovem.

Foi assim: depois que Raimundo nasceu, seu pai, José Pedro da Silva, casou-se com Quitéria Inocência de Freitas Santiago, mulher branca. Suspeitando da atenção particular que José Pedro dedicava ao pequeno Raimundo e a escrava Domingas, Quitéria ordena que acoitem a negra e lhe queimem as partes genitais. Desesperado, José Pedro carrega o filho e leva-o para casa de seu Tio Manuel Pescada, e ao retornar para fazenda, ouve vozes em seu quarto. Invadindo-o, o fazendeiro, surpreende Quitéria e o então padre Diogo em pleno adultério.

Desonrado, o pai de Raimundo mata Quitéria, tendo Diogo como testemunha. Graças à culpa do adultério e a culpa do homicídio, forma-se um pacto de cumplicidade entre ambos. Diante de mais essa desgraça, José Pedro abandona a fazenda, retira-se para casa do irmão e adoece. Algum tempo depois, já restabelecido, José Pedro resolve voltar à fazenda, mas, no meio do caminho, é morto.

Por outro lado, devagarzinho, o padre Diogo começara a insinuar-se também na casa de Manuel pescada. Raimundo ignorava tudo isso. Em São Luís, já adulto, sua preocupação básica é a de desvendar suas origens e por isso insiste com o tio em visitar a fazenda onde nasceu. Durante o percurso a fazenda São Brás,

Raimundo começa a descobrir os primeiros dados sobre suas origens e insiste com o tio para que lhe conceda a mão de Ana Rosa. Depois de várias recusas, Raimundo fica sabendo que o motivo da proibição era por conta de suas origens negras.

De volta a São Luís, Raimundo muda-se da casa do tio, decide voltar para o Rio, confessa em carta a Ana Rosa seu amor, mas acaba não viajando. Apesar das proibições, Ana Rosa e ele planejam um plano de fuga. No entanto, a carta principal fora interceptada por um cúmplice do cônego Diego, o caixeiro Dias, empregado de Manuel Pescada e forte pretendente, sempre repellido a mão de Ana Rosa.

Na hora da fuga, os namorados são surpreendidos. Armam-se o escândalo, do qual o cônego é o grande regente. Raimundo retira-se desolado e, ao abrir a porta de casa, é surpreendido com um tiro nas costas, Com uma arma que lhe emprestara o Cônego Diogo, o caixeiro Dias assassinou o rival! Ana Rosa aborta! Entretanto, seis anos depois, Ana Rosa é vista saindo de uma recepção oficial, de braço com o Sr. Dias e preocupada com os “três filhinhos que ficaram em casa, a dormir.”

3.1 O QUE É O PRECONCEITO DERIVADO DO RACISMO?

A priori, para que possamos compreender toda essa questão racial presente no romance o mulato, faz-se necessário sabermos o conceito de preconceito, raça e racismo. Segundo Borges (2002, p. 51): “O racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variados modos em diferentes contextos e sociedades.”. Segundo Santos (1984, p. 11): “racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros.”. Uma maneira pela qual essa superioridade se afigura como perniciosa é a que coloca as questões de raça como fatores de distinção baseada em características físicas para finalidade de justificar a opressão decorrente de um juízo de valor que inferioriza os seres humanos de cor negra, ou de origem afrodescendente. Esse sistema de dominação baseada na cor da pele tem sido caracterizado como preconceito. “O termo preconceito vem do latim, *Præconceptu*, [...] o conceito ou opinião formados antecipadamente, sem levar em conta o fato que os conteste, intolerância, ódio

irracional ou aversão a outras raças, credos e religião, etc. [...]” (SANTOS 1984, p. 298).

Com isso percebemos que preconceito racial é um tema muito recorrente não só na literatura, mas na sociedade comum todo. Embora haja muitas palestras, campanhas, comerciais, conscientizações e até mesmo leis que punem pessoas racistas, sabemos que mesmo assim a presença do racismo é muito acentuada até hoje em nossa sociedade. Em suma, “os brasileiros sabem haver, negam ter, mas demonstram, em sua imensa maioria, preconceito contra negros” (RODRIGUES, 1998, p. 11).

A partir dessa afirmação, podemos pensar que embora a escravidão tenha sido abolida no Brasil, isso não foi capaz de cessar a violência e o racismo contra os negros. Assim, o sistema escravista foi responsável pela exclusão do negro, mesmo a partir de agora sendo considerado “livre”, isso reflete na sua exclusão social, Santos nos diz que:

A escravidão racial que estava submetida na escravidão emerge, após a abolição, transpondo-se ao primeiro plano de opressão contra os negros. Mais do que isso, ela passou a ser um dos determinantes do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros (SANTOS, 2005, p. 21)

Nesse cenário, fica claro que a luta pela abolição ainda continua. Mesmo não sendo mais escravos, isso não significou que eles tivessem de fato reconquistado sua dignidade, uma vez que eles apenas foram libertados de um trabalho forçado, agora esses negros se deparam com uma realidade de exclusão, de falta de apoio e oportunidade para recomeçarem sua vida de “liberdade”.

Em pleno século XXI, ainda nos deparamos com pessoas que possuem esse pensamento, de que os negros são inferiores, nasceram para sofrer e servir aos brancos. Esse problema sempre irá persistir dentro da sociedade, pois enquanto a cor da pele for mais importante que o caráter, infelizmente teremos que conviver com esse preconceito presente na nossa sociedade.

Nesse viés, podemos ressaltar que o preconceito racial não é problema enfrentado somente no Brasil, mas no mundo inteiro. Embora o racismo seja qualquer aversão a outras raças, ao longo dos anos surgiram vários autores que estudam a cerca desse tema e que caracterizaram de diversas formas. Esses autores passaram a caracterizar o preconceito e seus diferentes tipos. Na falta de um termo mais adequado podemos dizer que no Brasil o preconceito foi caracterizado como de marca, sendo este diretamente ligado à aparência, diferenciando-se dos Estados Unidos que foi designado como de origem, onde a descendência é o fator mais importante. Esses dois termos são muito bem esclarecidos por Nogueira:

[...] Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é *de marca*; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é *de origem*. (NOGUEIRA, 2007, p. 292, grifo do autor)

Dessa forma, percebemos que esses dois termos são totalmente diferentes. O preconceito de origem está relacionado ao fator hereditário que se caracteriza no fenótipo do indivíduo, enquanto o de marca está relacionado estreitamente com a condição social que o indivíduo ocupa, acarretando na diminuição do tratamento discriminatório.

3.2 O PRECONCEITO RACIAL NO ROMANCE

O romance *O mulato* foi um livro publicado em meio a forte campanha a favor da abolição da escravidão. Aluísio Azevedo idealiza a figura do mulato Raimundo, que pouco retém na pele as origens negras. A trama central desse romance repete o estereótipo romântico do amor impossível, que no caso do romance em questão se apresenta como preconceito por conta da origem negra do personagem, o que resulta nas proibições familiares acerca do seu romance com Ana Rosa.

No romance, Raimundo, o personagem principal da trama, é fruto da relação de uma escrava com seu senhor, mesmo possuindo caráter e boa educação, é discriminado pela sociedade maranhense da época, pelo simples fato de descender de uma negra. Azevedo aborda nessa obra a ignorância, a crueldade e arrogância de uma sociedade que privilegia a cor da pele ao invés do caráter, fato este bastante presente na sociedade atual.

O protagonista Raimundo, durante toda a trama é vítima de falas e atitudes racistas, que são justificadas por conta das suas origens negras. Diante dos personagens existentes no romance, Aluísio idealizou o protagonista Raimundo como a representação da mestiçagem. Em alguns trechos do romance, o autor utiliza o personagem Raimundo como pretexto para exteriorizar o que pensa da cidade de São Luís e dos seus moradores, bem como a preocupação em denunciar os tipos de sujeitos, a formar como viviam e pensavam diante dos acontecimentos.

3.3 PERSONAGENS: ATITUDES E PRÁTICAS RACISTAS

O romance “*O mulato*” é uma obra naturalista que apresenta claramente a sociedade maranhense no século XIX, a mesma demonstra-se extremamente preconceituosa em relação aos negros. Podemos verificar no fragmento a seguir:

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecido pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças de água passavam ruidosamente a todo instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho. (AZEVEDO, 1994, p. 20).

O livro inicia com essa descrição da cidade de São Luís, onde aparentemente parece ser um lugar calmo e tranquilo, porém não podemos esquecer que a escravidão ainda não tinha sido abolida e a sociedade enfrentava as mazelas geradas por ela. A escravidão era presente na sociedade, onde sua rotina dependia dos serviços realizados pelos negros e estes por sua vez eram vistos pelos brancos apenas para realizarem estas tarefas, não tendo valor algum. Sendo obrigados a aceitar a condição de vida que lhe era imposta pelos brancos.

No romance uma das personagens que se destaca com suas falas e atitudes preconceituosas é dona Maria Bárbara, uma velha beata e extremamente racista, que não tem paciência com seus criados, nota-se na narração a seguir:

Era uma fúria! Uma víbora! Dava nos escravos por hábito e por gosto; só falava a gritar e, quando se punha a ralar, Deus nos acuda, incomodava toda a vizinhança! Insuportável! Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos, dizia “Os sujos” e, quando se referia a um mulato, dizia “O cabra”. Sempre foi assim e, como devota, não havia outra coisa. Em Alcântara tivera uma capela de Santa Bárbara e obrigava a sua escravatura e rezar aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados. [...] Quando a filha foi pedida por Manuel Pedro, então principiante no comércio da capital, ela dissera: “Bem! Ao menos tenho a certeza de que é branco! (AZEVEDO, 1994, p. 23)

Dona Maria Bárbara assim como o restante da sociedade maranhense viam os negros como seres inferiores. Os portugueses eram considerados os que possuíam a “raça pura”, onde o objetivo era expandir essa raça pelo maranhão e o restante do país. Nesse fragmento fica nítida a preferência da velha por pessoas brancas.

Maria Bárbara tinha grande admiração pelos portugueses. Dedicava-lhes entusiasmo sem limites, preferia-os em tudo aos brasileiros. Quando a filha foi pedida por Manuel Pedro, então principiante no comércio da capital, ela dissera; Bem! Ao menos tenho a certeza de que é branco! (AZEVEDO, 1994, p. 18)

Nessa sociedade o casamento entre um branco e um negro era inadmissível, chegando a ser considerado crime. Pois, um branco não poderia “sujar” o sangue da família casando-se com um negro. No fragmento abaixo fica clara a aversão de dona Maria Bárbara em relação aos negros, onde prefere ver sua neta morta à casar-se com um negro.

Parece que ficaste meio sentida com o que se passou!... Pois olha, se tivesse de assistir ao teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos alumando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue! [...] E só peço a Deus que me leve, quanto antes, se tenho algum dia de ver, com estes olhos que a terra há de comer, descendente meu coçando a orelha com o pé! Mas creia, seu Manuel, que, se tamanha desgraça viesse a suceder, só a você a deveríamos, porque, no fim das contas, a quem lembra meter em casa um cabra tão cheio de fumaça como tal doutor das dúzias 6?... Eles hoje em dia são todos assim!...Dá-se-lhe o pé e tomam a mão!... Já não conhecem o seu lugar, tratantes! Ah, meu tempo! Meu tempo! Que não era preciso estar cá com discussões e políticas! Fez-se besta? Rua! A porta da rua é a serventia da casa! E é o que você deve fazer seu Manuel! Não seja pamonha! Despeça-o por uma vez para o Sul, com todos os diabos do inferno! E trate de casar sua filha com um branco com ela. Arre! (AZEVEDO, 1994, p. 165).

Esse fragmento demonstra muito bem o preconceito que Raimundo sofre perante a sociedade e principalmente por Maria Bárbara, onde a velha deseja que o pai de Ana Rosa expulse Raimundo de sua casa e que ele trate de casar sua filha com um homem branco.

Raimundo era filho da escrava Domingas e do português e comerciante Manuel Pescada. Embora fosse um rapaz integro e inteligente formado em direito, isso não tinha nenhuma relevância para sociedade, visto que suas qualidades não eram mais importantes que suas origens. Raimundo era filho de uma negra e isso era o pior dos “defeitos” que uma pessoa poderia possuir.

-Não chores minha flor. [...] Tens toda razão...perdoa-me se fui grosseiro contigo! Mas que queres? Todos nós temos orgulho, e a minha posição a teu lado era tão falsa!...Acredita que ninguém te amará mais do que te amo e desejo! Se souberes, porém quanto custa ouvir cara-a-cara: “Não lhe dou minha filha porque o senhor é indigno dela, o senhor é filho de uma escrava!” Se dissessem: “É porque é pobre!” que diabo!- eu trabalharia! Se dissessem: “É porque não tem posição social!” juro-te que a conquistaria, fosse como fosse!..É porque é um infame! Um ladrão! Um miserável!” eu me comprometeria a fazer de mim o melhor dos homens de bem! Mas um escravo, um filho de negra, um – mulato! – E como hei de apagar a minha história da lembrança de toda essa gente que me detesta”. (AZEVEDO, 1994, p. 77)

Nessa passagem Raimundo diz que se os motivos pelos quais a mão de Ana Rosa é negada fosse à pobreza, ele trabalharia. Se fosse por não possuir uma posição social, ele conquistaria. Se fosse por ele ser um ladrão ou miserável ele se tornaria o melhor dos homens de bens, porém sabemos que a recusa da mão de sua amada não se dar por nenhum desses motivos e sim por possuir origens negras, e estas não podem ser apagadas e muito menos mudadas por ele.

Diante disso podemos afirmar que o preconceito encarado pelo protagonista Raimundo ocorre por ele não possui o padrão imposto pela sociedade Maranhense, que nesse caso seria de um homem branco e puro, ou seja, um homem nascido somente de brancos, sem qualquer mistura com outras raças.

Recusei-lhe a mão da minha filha, porque o senhor é... É filho de uma escrava [...] o senhor é um homem de cor! [...] A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela e toda sociedade do maranhão! [...] (AZEVEDO, 1994, p. 83)

Como personagem do romance que também apresenta falas preconceituosas, temos o membro da igreja cônego Diogo, compadre de Manuel, ele que influenciava na vida das pessoas, como pode ser observado na passagem abaixo, em que o cônego tenta fazer de tudo para que a menina desista do mulato.

Manuel, soprado pelo compadre, indispunha mais e mais o ânimo da filha contra o mulato; contando-lhe a respeito deste, fatos revoltantes, inventados pelo cônego; fazia-se agora muito meigo ao lado dela, submetia-se aos seus caprichos, às suas vontadezinhas de menina doente, com a compungida solicitude de um bom enfermeiro (AZEVEDO, 1994, p. 164-165).

Percebe-se nessa passagem que Diogo era o adversário natural de Raimundo, o mesmo passava a fazer as vontades de Ana Rosa, passando a contar-lhe fatos revoltantes a respeito de Raimundo, fazendo de tudo para interromper seu romance com sua afilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco desse trabalho foi analisar de que forma o preconceito racial se configura no romance o mulato, tendo o intuito de destacar quais os personagens possuem falas e atitudes racistas. Para alcançar o objetivo estabelecido realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, relacionando as concepções teóricas com os vários fatores que influenciaram os personagens a manifestarem seus discursos racistas.

Verificou-se que o século XIX foi de suma importância para sociedade. Nesse período a literatura presenciava o surgimento da escola literária realista e o aparecimento de diversas teorias científicas. As obras tinham como principal característica, expressar a realidade dos fatos de forma clara e objetiva, isso foi algo verificado no romance estudado.

Com isso, percebe-se que o romance O Mulato, relata muito bem a sociedade racista e hipócrita do Maranhão. A literatura de Azevedo apresenta essa importância, pois expõe o comportamento e o pensamento dos indivíduos daquela sociedade, fazendo uma reflexão crítica em torno das questões raciais em uma sociedade conservadora, onde pessoas brancas não poderiam de forma alguma relacionar-se com pessoas negras, onde nascer negro era considerado um dos piores “defeitos” que alguém poderia ter.

Diante dos discursos que foram analisados no decorrer desse trabalho, destacam-se principalmente o pai de Ana Rosa, o português Manuel Pescada, a avó de Ana Rosa, dona Maria Bárbara e o cônego Diogo, adversário natural de Raimundo. Percebe-se que durante todo o romance, esses três personagens estão mais evidentes na obra, demonstrando sua oposição ao casamento de Ana Rosa e o protagonista Raimundo.

Desse modo, podemos afirmar que embora o personagem Raimundo tenha sido um rapaz bem sucedido, estudado e que suas características físicas não lhe remetiam como uma pessoa negra, isso não foi levado em consideração pela sociedade, pois para eles o que importava não era sua posição social e seu caráter, e até mesmo traços físicos, mas sim as suas origens.

Com isso, podemos afirmar a partir dos estudos realizados sobre o romance *O Mulato*, o preconceito racial presente na obra se apresenta como de origem, haja vista que para a sociedade o que realmente importava não eram as qualidades, aparências e muito menos o caráter do rapaz, mas sim os traços negroides que Raimundo carregava no seu fenótipo, este por sua vez foram herdados de sua mãe, a ex- escrava Domingas.

Portanto, concluímos que esse trabalho foi grande relevância para compreendermos as questões raciais presentes no romance. E como todas as obras literárias nunca chegam ao fim de suas interpretações, no *O Mulato* isso não diferencia, pois a mesma nos possibilita muitas outras análises. Desse modo, esse romance deixa abertos os estudos para os mais diversos temas, sendo eles o adultério, a escravidão, o anticlericalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; Helena, Maria Pires Martins. **Filosofando: Introdução a filosofia**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ASSIS, Machado. Quincas Borba. 1ª ed. São Paulo: Editora Egrégia Ltda, 1978.

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. São Paulo: Ed. Moderna, 1994.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos a.; D ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 36ª ed. rev. e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1999.

CANDIDO, Antonio. "A literatura e a formação do homem". In: **Ciência e Ciência**. São Paulo, setembro de 1972, vol. 24 (9).

_____. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1975.

CANDIDO; CASTELLO, J. A. Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. In: _____. Presença da literatura brasileira. São Paulo: DIFEL, 1976. v.2. p. 89-97.

COUTINHO, Afrânio. **Realismo. Naturalismo**. Parnasianismo. In: _____. (Org.). A literatura no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. v.3. p. 3-26.

_____. **A Literatura no Brasil**. 7ª ed. Vol. 4. São Paulo, Global, 2004.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71.

LIBBY, Douglas Cole; PAIVA, Eduardo França. **A escravidão no Brasil: relações sociais, acordos e conflitos**. São Paulo: Moderna, 2000.

LIMA, Carlos de. **A escravidão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MARTHA, Alice Áurea Penteado; org. **Tópicos de Literatura Infantil e Juvenil. Formação de professores em Letras – EAD**. In: MARTHA, Alice Áurea Penteado; **Literatura Infantil e juvenil: concepções introdutórias**. Maringá, 2011.

MÉRIAN, Jean Yves. **Aluísio Azevedo, vida e obra: (1957-1913): o verdadeiro Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MONTELLO, J. **A ficção naturalista**. In: COUTINHO, A (Org.). **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. v.3. p. 63-81.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, 2007, 19.1: 287-308. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/ts/article/download/12545/14322>>. Acesso em: março de 2017.

RODRIGUES, Fernando. **Racismo Cordial**. FOLHA DE SÃO PAULO/DATAFOLHA. Racismo Cordial. A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. São Paulo. Ática, 1998.

RODRIGUES, Marília Mezzomo. Sou um historiador e não fornecedor de imundícies- medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. In: **Revista de história Regional**, n.14 (2), Inverno, 2009, p. 29-52). Disponível em <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/1046>>. Acesso em: fevereiro de 2017.

SANTOS, Sales dos Anjos. A Lei nº 10639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In **Educação antirracista abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ZOLA, Emile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. Tradução de Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

_____. **Do romance**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Edusp/Imaginário, 1995.

_____. **Germinal**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.